

## **EDUCAÇÃO E INTERCULTURALIDADE: REFLEXÕES CRÍTICAS SOBRE A INCLUSÃO DOS POVOS CIGANOS NA EDUCAÇÃO BÁSICA DO ENSINO BRASILEIRO.**

Maria Raquel Alves da Rocha

*Universidade Federal do Piauí – UFPI* [raquelalvesrocha@hotmail.com](mailto:raquelalvesrocha@hotmail.com)

**Resumo:** Considerando a importância que questões como identidade cultural e interculturalidade tem apresentado para pensarmos o papel da escola nos dias atuais, procuramos, neste trabalho, fazer reflexões críticas sobre a inclusão dos povos ciganos na educação básica do ensino brasileiro. O Brasil possui uma grande diversidade de povos, existindo uma vasta população cigana em seu território, por esta razão, se faz necessário entender aspectos relevantes desses povos para compreendermos suas configurações perceptivas sobre o mundo. Os ciganos são discriminados por suas características culturais específicas em muitas escolas e buscam defender seus direitos, entretanto, como podem culturas diferentes dialogarem no âmbito da escola? A opção por discutirmos tal questão justifica-se pela relevância de se atentar a necessidade de atendimento escolar que compreenda as diferenças da identidade cultural dos povos ciganos. Temos por objetivo, analisar e refletir sobre as condições de acesso ao ensino ofertado aos povos ciganos. Como metodologia, optamos por técnicas de etnografia para termos uma visão mais abrangente sobre a temática, já que se trata de se analisar uma cultura particular como a dos ciganos nômades. Partimos da pesquisa bibliográfica e depois fomos a campo, buscando escolas municipais e estaduais do município de Teresina, capital do estado do Piauí, que recebem alunos em situação de itinerância. A pesquisa nos levou a concluir que adotando um novo ponto de vista baseado no respeito à diferença por parte da equipe escolar e adotando novas propostas educacionais é possível a existência de um processo dialógico intercultural que beneficie as comunidades ciganas. Os povos ciganos necessitam ser assistidos, pois também integram a diversidade cultural brasileira.

**Palavras-chave:** interculturalidade, educação, povos ciganos, reflexões, inclusão.

### **INTRODUÇÃO**

O Brasil possui uma população cigana considerável em seu território. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) constatou mais de 800 mil ciganos no país, no ano de 2013. Sabemos que os ciganos possuem uma cultura peculiar e única, de característica nômade, realizando sua peregrinação em vários países do mundo. Portadores de uma identidade étnica específica, os ciganos integram na sua formação identitária alguns aspectos da modernidade, mas preservam as características idiossincráticas de sua cultura. Este sincretismo originou múltiplas identidades ciganas. Na verdade, existe uma diversidade de identidades ciganas no Brasil, entretanto a existência de vários clãs não desconfigura os aspectos peculiares de sua cultura.

A construção identitária do cigano se dá em meio a lutas, lutas pelo reconhecimento positivo de suas práticas culturais e religiosas que ainda são tratadas de forma estigmatizante pela sociedade brasileira ainda mergulhada em intolerância

religiosa. Gypsies, gitanos, zíngaros, Rom, Calon são nomes designados por povos tradicionalmente nômades chamados no Brasil de "Ciganos". Os ciganos receberam diferentes nomes em diferentes lugares e tempos. A palavra, "Cigano", foi influenciada por sua história na Espanha, especialmente pelos povos da Catalunha, chamados de Gitanos.

A teoria mais aceita é que os ciganos sejam originários do norte da Índia e hoje vivem espalhadas pelo mundo, sendo sempre uma minoria étnica nos países onde vivem. Para os ciganos seu local de origem não é uma preocupação, mas sim seu estado de nomadismo. As perseguições portuguesas aos ciganos teriam sido uma das causas da vinda de alguns grupos para o Brasil. Não há dúvida alguma que os primeiros ciganos que chegaram ao Brasil foram oriundos de Portugal e que não vieram voluntariamente, mas por terem sido expulsos daquele país.

Estes povos também necessitam de assistência escolar para que tenham acesso à educação. O presente trabalho visa identificar as condições da inclusão de povos ciganos em situação de itinerância em escolas de educação básica do município de Teresina, estado do Piauí. A investigação nas escolas da localidade referida conduz a reflexões críticas acerca do ensino brasileiro ofertado aos povos ciganos.

O trabalho justifica-se pela necessidade de despertar um olhar mais cuidadoso no que se refere a etnoeducação e a interculturalidade dentro do ambiente escolar brasileiro. A etnoeducação indica uma análise a partir do gênero de ensino e sua articulação com o estilo de aprendizagem. A interculturalidade tem espaço quando duas ou mais culturas entram em interação de uma forma horizontal e sinérgica. Este tipo de conexão implica ter respeito pela diversidade. Nesta perspectiva, verificamos a deficiência pela qual, na prática, o processo de escolarização dos povos ciganos no estado do Piauí tem sido inserido nestas duas instâncias. A relação intercultural indica uma situação em que pessoas de culturas diferentes interagem. Entretanto, analisando tal situação no ambiente escolar brasileiro fomos indagados a refletir: podem culturas diferentes conversarem entre si? Como podem culturas diferentes dialogarem no âmbito escolar? Segundo o Ministério de Educação do Brasil, a educação, em particular a escola, tem o dever de agenciar a relação entre culturas com poder imparcial.

Temos por objetivos analisar as condições de inclusão dos povos ciganos em situação de itinerância em escolas de educação básica do município de Teresina, estado do Piauí. Também temos por objetivo refletir sobre o acesso ao ensino brasileiro ofertado aos povos ciganos, bem como os desafios da requalificação dos educadores e ainda objetivamos identificar a relação intercultural gerada no ambiente escolar entre educadores e estudantes

ciganos, com a proposta de fomentar o diálogo entre culturas.

## **METODOLOGIA**

Como metodologia, optamos por técnicas de etnografia para termos uma visão mais abrangente sobre a temática, pois tratando-se de analisar uma cultura particular como a dos ciganos nômades, se faz necessário entendermos os aspectos peculiares desta cultura. A antropologia nos conduz a analisarmos as culturas em sua amplitude tendo como base a observação participante. Partimos da pesquisa bibliográfica e depois fomos a campo, buscando escolas que recebem alunos em situação de itinerância. partimos da pesquisa bibliográfica para confrontar autores que pesquisam processos identitários e contemporaneidade. Analisamos, no presente trabalho o aporte teórico de autores importantes para a sustentação teórica da pesquisa em questão. Verificamos que todos eles expunham conceitos e reflexões que proporcionam conexão com particularidades da cultura cigana. Ainda fizemos pesquisa em jornais, revistas e internet sobre escolas com alunos ciganos em situação de itinerância para investigar sobre as relações étnicas e cidadania no sistema educacional.

Após a pesquisa bibliográfica, procederemos a pesquisa de campo em visita a acampamentos temporários de ciganos na cidade, para obtermos mais familiaridade com o problema. A pesquisa também se estendeu a escolas municipais e estaduais do município de Teresina, capital do estado do Piauí. Observação da quantidade de ciganos matriculados e ainda fizemos entrevistas com ciganos locais.

Analisamos sistematicamente e observamos como os alunos ciganos são recebidos nas escolas pesquisadas e como se dá a relação dicotômica professor-aluno em sala de aula. Mediante tal análise entrevistamos a direção e a coordenação de duas escolas municipais e uma escola estadual do município de Teresina, capital do Piauí, conhecidas por receber matrículas de alunos em situação de itinerância, dentre estes, constatamos alunos de origem cigana. As direções das três escolas analisadas pediram sigilo aos nomes das referidas escolas e comentaram que os alunos ciganos recebem tratamento igual aos demais alunos matriculados, o que notamos drástico contraste nestas afirmações, pois ao experienciarmos as aulas em sua práxis, constatamos intensos conflitos com os alunos ciganos. Verificamos ainda como são encarados pela comunidade circundante. Sistematizamos, em seguida, todos os dados coletados. Pretendemos continuar a fazer constantes visitas nas comunidades ciganas com aplicação de questionário.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A complexidade das relações sociais e interculturais no mundo contemporâneo requer novas formas de se produzir conhecimentos no campo da pesquisa e da educação. Isto se tem configurado em um desafio da educação intercultural no Brasil. O Decreto Nº 4739 de 26 de junho de 2015 dispõe sobre o Plano Municipal de Educação de Teresina (PME) onde uma das metas bem claras é colaborar com a implantação de políticas de prevenção à evasão motivada por preconceito ou quaisquer formas de discriminação, criando rede de proteção contra formas associadas de exclusão. Entretanto o que constatamos na maioria das escolas do município de Teresina são atitudes que desrespeitam a diversidade cultural.

Observamos uma barreira intercultural por parte dos professores de educação básica em algumas escolas do município de Teresina, barreira configurada pelo preconceito etnocêntrico, que muitas vezes levaram ao confronto direto de diferenças. Segundo relatos, alguns professores referiam-se as crianças ciganas como “meninos mal-educados e bagunceiros”, e algumas escolas descumprem lei, dificultando o recebimento destes estudantes ciganos.

Sobre isso Gilberto Velho faz um comentário interessante:

“A complexidade e a heterogeneidade da sociedade moderno-contemporânea tem como uma de suas características principais, justamente, a existência e a percepção de diferentes visões de mundo e estilos de vida. Uma das questões mais interessantes e polêmicas é verificar até que ponto a participação em um estilo de vida e em uma visão de mundo, com algum grau de especificidade implica uma adesão que seja significativa para a demarcação de fronteiras e elaboração de identidades sociais”. (VELHO, 2013, p.62)

O que Gilberto Velho (2013) nos conduz a refletir é que uma das características da atual sociedade é a coexistência de diferentes estilos de vida e visões de mundo. Grupos coletivos e bem organizados sustentados em crenças e valores compartilhados, como os povos ciganos, continuam atuando sobre uma sociedade que os veem com indiferença, desenvolvendo uma capa protetora contra uma ameaça de fragmentação da sociedade, como destruidores da harmonia social. Este desequilíbrio entre as culturas é uma marca da modernidade.

Sabemos que esta situação não ocorre somente no Brasil, mas também em muitas regiões do mundo. Raquel Rolnik, relatora da ONU, menciona a precária situação dos ciganos no mundo, particularmente na Europa. Os ciganos são historicamente discriminados e

marginalizados. Sua condição nômade e sua forte especificidade cultural de seu modo de vida, têm marcado a inserção ambígua desses grupos nos países que habitam ou por onde passam. Essa inserção no continente europeu não é bem aceita e gera dificuldades em toda parte, com algumas exceções como a Espanha. Existem assentamentos ciganos em vários países em condições bastante precárias. No Brasil, os ciganos ainda continuam com certa invisibilidade, por isso não é de admirar que haja falta de compromisso entre os estados para o enfrentamento de questões relacionadas a área da educação, junto a essa população.

Casa-Nova (2005), levanta a hipótese de que ainda há um longo caminho a percorrer para que se construa uma educação intercultural onde as culturas das minorias étnicas, possam ser oficialmente reconhecidas, tanto na prática, como no currículo escolar. A compreensão da complexidade e dialeticidade de poder existente entre a cultura de dominação e a cultura de subordinação é aplicável nesta esfera da vida social e por isso é necessário refletir e buscar meios para se entender e respeitar as minoridades para que estas sejam respeitadas dentro da sociedade que deve ser igualitária, ou seja, que dê as condições necessárias para haver igualdade entre seus membros.

Os Ciganos trazem uma cortina de mistério em sua cultura sendo que sortilégios e encantamentos fazem parte de seu conhecimento. Muitas vezes, isso faz com que os não ciganos os vejam com um olhar discriminante, por não conhecerem seus costumes e tradições, além disso, os ciganos ainda carregam os velhos chavões de feiticeiros, trapaceiros e ladrões de criança. Buscar um entendimento sobre a configuração cultural destes povos, desprovidamente de achismos e prejulgamentos, seria o fio condutor para se abrir uma nova perspectiva epistemológica na compreensão do hibridismo e da ambivalência, ambos constituintes das identidades e relações interculturais.

Segundo Spradley (1970 apud KEESING; STRATHERN, 2014, p. 518), a cultura nômade urbana é caracterizada pela mobilidade, pobreza e um conjunto peculiar de estratégias de sobrevivência, o que se aplica favoravelmente a situação a que passam os ciganos. Percebemos as dificuldades destes nômades urbanos, pois os ciganos integram-se nas cidades que transitam, são condenados pela rejeição da sociedade. Embora nômades, o fato de continuar se mudando, os prende aos mesmos cenários aonde quer que vão.

No Brasil, os próprios ciganos listam algumas situações desafiadoras que impedem colocarem seus filhos para estudarem. Eles reclamam do preconceito da sociedade, alguns não veem muito sentido na educação formal para seus filhos, uma vez que vivem em comunidades fechadas. Além disso, a vida itinerante de muitas dessas comunidades dificulta para as

crianças seguirem o calendário letivo tradicional.

A educação é outra questão complicada para a mulher cigana. Há grandes diferenças para os grupos ciganos itinerantes e as comunidades que fixaram residência. A cigana nômade sofre mais dificuldades de acesso à educação e aos serviços de saúde. Apesar das leis assegurarem o acesso ao ensino, a própria assiduidade tem impedimentos devido a sua condição de ter que mudar de cidade constantemente e ter que cuidar dos filhos que chegam logo em sua juventude, pois as ciganas casam muito cedo. Contudo, algumas ciganas se encontram com formação universitária, mas em alguns casos a continuação dos estudos se deu a um preço alto equivalendo o rompimento com a família.

Estes são problemas que devido a transformações sociais impostas pela modernidade começam a mudar. Os ciganos concluíram que precisavam de educação formal para poderem conviver em sociedade, para se locomoverem nas cidades, pegando um ônibus, por exemplo. Além disso, o Ministério da Educação (MEC) reuniu-se com líderes ciganos para traçar metas de atendimento escolar e discutir a implementação das diretrizes definidas pelo Conselho Nacional de Educação (CNE).

O Conselho Nacional de Educação (CNE) definiu diretrizes para o atendimento escolar de crianças em situação de itinerância – caso de famílias ciganas e que trabalham em circo, por exemplo. A Resolução CNE/CEB nº 3/2012 instituiu tais diretrizes as populações ciganas, entre as quais a de assegurar a matrícula em qualquer época do ano.

O próximo passo foi o de decretar a todos os municípios que fizessem vistas ao cumprimento da lei e que os sistemas de ensino brasileiros recebessem orientações para o atendimento dessas populações ciganas. Os pais ciganos poderiam dirigir-se a secretaria de educação da localidade e obterem uma declaração que ordena a matrícula de seus filhos em qualquer escola pública ou privada e quantas vezes for necessário, ou seja, em quantas escolas diferentes a criança precisar por migrar de uma cidade para outra. Segundo o Ministério da Educação (MEC), nenhuma unidade pode negar uma matrícula, ainda que o aluno não tenha documentos ou certificados de escolas anteriores.

De acordo com Nanni (1998), é possível haver mudanças viáveis no sistema escolar para que se alcance alguns benefícios, a qual podemos incluir estes povos itinerantes, dentre elas ele cita a formação e a requalificação dos educadores. Desta mudança depende o sucesso ou fracasso da proposta intercultural. O autor aponta que o que está em jogo na formação dos educadores é a superação da perspectiva monocultural e etnocêntrica que configura os modos tradicionais e consolidados de educar, seu modo de pensar e de se relacionar com os outros,

de atuar nas situações concretas.

Uma escola brasileira do estado de Goiás, tem feito um trabalho elogiável no que diz respeito a facilitar o acesso dos ciganos a escola. Ao observar a necessidade de melhorar a inclusão dos ciganos em seu espaço a equipe da escola municipal Dom Velloso foi até a Secretaria de Educação e levou a proposta de uma turma separada para melhor dar assistência a esses povos, o que foi aprovado pelo Conselho de Educação.

Imagem: ciganos com seus filhos na carroça



Foto: Adriano Zago/G1

A escola municipal Dom Velloso criou uma classe específica para atender os alunos ciganos com o objetivo de adequar os conteúdos escolares aos costumes destes povos. A escola contou com a iniciativa dos professores e coordenadores para que isto fosse possível. Para assegurar que os alunos cumpram a carga horária escolar, há um grande esforço dos educadores em evitar que se falte as aulas. A imagem acima mostra que diariamente, famílias de ciganos levam filhos para escola em carroças.

Um dos motivos mais comuns para as faltas são as tradições ciganas, como o casamento, cujas comemorações duram vários dias. Sempre que necessário, os professores deslocam-se para os acampamentos dos ciganos para aplicarem provas, quando existem tais situações. Logicamente, para entender essas e outras particularidades da cultura cigana, a direção e os professores da referida escola tiveram que estudar os costumes do povo ciganos. Esforço que resultou em ricas recompensas.

A iniciativa da escola goiana pode servir como exemplo a outras escolas sobre como adaptar seu sistema a outras culturas. Neste contexto, a educação passa a ser entendida como processo construído pela relação de respeito e igualdade de oportunidades, ou, mais simplesmente, educação intercultural.

## **CONCLUSÃO**

Os ciganos com sua cultura específica e caracterizada pelo nomadismo necessitam de assistência especializada para ter contínuo acesso à educação escolar. Embora ainda haja certa resistência a continuação dos estudos por parte dos ciganos, a escola precisa ser oferecida independente de ser usada ou não. Por isso é necessário refletirmos sobre estas questões que se caracterizam como espinhosos problemas do nosso tempo, o da responsabilidade de respeitar as diferenças e de integrá-las em uma unidade que não as anule, que haja respeito as diferenças étnicas e culturais, a serem acolhidas na escola e na sociedade. O reconhecimento do outro a partir dos complexos processos que constituem sua subjetividade permite compreendê-lo em sua alteridade. Pensando a educação brasileira, nesta perspectiva intercultural de educação, é primordial se repensar e ressignificar a concepção de educador, pois este é importante agente mediador de conhecimentos.

A educação, na perspectiva intercultural, deixa de ser concebida como um processo de formação de atitudes baseadas numa relação unidirecional, unidimensional e unifocal, conduzidas por procedimentos verticais e hierarquizantes. A educação que leva em conta a importância das relações étnicas é entendida como o processo construído pela simetria intensa entre sujeitos diferentes, criando contextos interativos que se conectam dinamicamente com os diferentes contextos culturais em que seus respectivos sujeitos desenvolvem suas respectivas identidades, tornando-se um ambiente criativo e estruturante de movimentos identitários.

Nessa perspectiva, o processo de aprendizagem, acontece pela compreensão do contexto que construído pelos próprios sujeitos em interação, configura o sentido de seus atos. Desta forma, promove-se o desenvolvimento de contextos educativos que permitem uma articulação entre os diferentes contextos socioculturais. A medida que os diferentes sujeitos elaboram autonomia e consciência crítica, na relação com o outro sujeito, desencadeia-se um processo de transformação, em que os conflitos podem ser redimensionados ou transformados positivamente.

A territorialidade cigana se manifesta em diversas escalas, a tenda, a cidade, os

itinerários, a região, mas é na cidade que essa territorialidade ganha status de conflitos. Os povos ciganos no Brasil, chamados de ciganos de estrada, detêm uma cultura singular, dividindo com aqueles que os acolhem um grande número de seus aspectos culturais. Em tempos de globalização, este encontro de culturas proporciona conceber que todas as culturas são agentes de diversidade, recriando o sentido da humanidade.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BRASIL. SECRETARIA DE POLÍTICAS DE PROMOÇÃO DA IGUALDADE RACIAL. **Relatório Executivo Brasil Cigano**. Brasília: SEPPIR/PR. 2013.

BRASIL. Resolução 03/2012 da CEB/CNE, que define diretrizes para o atendimento de educação escolar para populações em situação de itinerância. Brasília, DF.

BRASIL. Decreto n.4739, de 26 de junho de 2015. Dispõe sobre o Plano Municipal de Educação de Teresina. – PME. **Lex**: Diário Oficial do Município (DOM-THE), pub. 03 de julho de 2015, p. 2-12.

CASA-NOVA, M. J. M. **Etnografia e produção de conhecimento: reflexões críticas a partir de uma investigação com ciganos portugueses**. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural. 2009. 224p.

VELHO, G. “Memória, Identidade e projeto”. **In** VIANNA, H, et al (orgs.) VELHO, G. Um Antropólogo na cidade – ensaios de antropologia urbana. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

NANNI, A. **L’educazione interculturale oggi in Italia**. Brescia: EMI

KEESING, R. M.; STRATHERN, A. J. **Antropologia Cultural – uma perspectiva contemporânea**. Trad. Vera Joscelyne, 3ª ed, Petrópolis: Editora Vozes, 2014, 518p.